

Resumen: Este ensayo se ocupa de la crítica de la reificación del papel de la educación como medio de movilidad social ascendente, es decir, la crítica de la idea de que el estudiante depende más sobre el origen de la formación. Se propone la conversión de esta ideología de las aportaciones de Pierre Bourdieu. Uso basado en la discusión en nuestro grupo y el curso de psicología con los estudiantes de la Universidad Estácio de Sá en el distrito de Ilha do Governador, municipio de Río de Janeiro. Brasil.

Resumo: O presente resumo trata da crítica a reificação do papel da educação enquanto forma de mobilidade social ascendente, ou seja, a crítica ao pensamento de que o estudante depende mais da sua origem que a da sua formação. Propomos a reconversão dessa ideologia a partir das contribuições de Pierre Bourdieu. Usamos como base a discussão em nosso grupo de pesquisa e iniciação científica com alunos do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá no bairro da Ilha do Governador, município do Rio de Janeiro.

Abstract: This essay deals with the criticism of reification of the role of education as a means of upward social mobility, This essay critique the thought that the student depends more on the origin of the formation. We propose the conversion of this ideology from Pierre Bourdieu's contributions. We based on the discussion in our group and undergraduate psychology course with the students of the Estácio de Sá University in the district of Ilha do Governador, municipality of Rio de Janeiro.

Introdução

“Nada é mais adequado que o exame para inspirar o reconhecimento dos veredictos escolares e das hierarquias sociais que eles legitimam”. Pierre Bourdieu

Ao detectar mecanismos de conservação e reprodução em todas as áreas da atividade humana Bourdieu observou de perto seu *métier*, ou seja, o próprio sistema educacional. Não foi a experiência negativa no seu período de internato nem o serviço militar na Argélia que o fizeram pensar na ideia da sociologia como um esporte de Combate, mas cremos que a educação sim, essa se torna um a luta de superação e reconversão social. A educação enquanto tal seria apenas para heróis ou escolhidos pelo próprio sistema social. Nela julgamentos estéticos como distinção de classe social e de origem fazem o neófito pensar na educação como uma muralha ou mesmo como jogo de dominação e reprodução de valores.

Bourdieu no livro *A Reprodução* (1970), escrito em parceria com Jean-Claude Passeron, analisou o funcionamento do sistema escolar francês e concluiu que, em vez de ter uma função transformadora, ele reproduz e reforça as desigualdades sociais. Quando a criança começa sua aprendizagem formal é recebida num ambiente marcado pelo caráter de classe, desde a organização pedagógica até o modo como é planejado o futuro dos alunos.

Bourdieu então nos apresenta com o conceito de “*habitus*”. Nitidamente inspirado em Weber e o conceito de “capital cultural” inspirado em Marx. Parte da incorporação de uma determinada estrutura social pelos alunos e que vai influenciar nos seus modos de agir, sentir e pensar. Assim forçando o neófito a reproduzir quase sempre

de modo consciente relações de sentido e de dominação de alguns bens simbólicos. Daí a genialidade do conceito de “dominação simbólica” nas relações de classe.

As “lutas simbólicas” seriam formas de classificação e de disputa por domínio do poder simbólico enquanto poder de classificação dos indivíduos. A reconversão, se possível, se dá na auto superação dos atores sociais per si e não pela reprodução do sistema. Este evita luta e em muitos casos não legitima nem reconhece o neófito, pois nasceu fora do “campo social”.

Se Cada Campo Social tem suas próprias regras, hierarquias e “jogos de oposição e distinção”, como nas palavras do próprio Bourdieu romper a ilusão do sistema de formação da subjetividade? Se *habitus* se forma inconscientemente como não reproduzir fielmente o status quo? Como tornar consciente determinadas construções sociais como papéis, comportamentos e atitudes se o sistema escolar em muitos casos a naturaliza?

A reconversão de Bourdieu

Bourdieu, pessimista em relação às mudanças sociais se reconverte em otimista ao criticar o sistema educacional como reprodutor de desigualdades e conservações sociais. Ao criticar a escola conservadora que “sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural” ele crê que a ascensão social e êxito escolar dependem de fatores externos ao sistema. Nasce o otimismo de Bourdieu ao acreditar que tais fatores culturais, *ethos* familiar e capital cultural podem ser transpostos e superados.

Antes a fórmula mágica: “é só estudar que você consegue”, se reconverte em “você não sabe quem está estudando”. A velha metáfora de Roberto Da Matta agora refeita. O novo aluno surge como alguém que tem que se reconverter em herói e atingir o sucesso escolar. Sucesso social que agora depende de fatores externos ao próprio sistema.

Estudantes entrevistados para este ensaio pertencente às classes C ou D (IBGE, 2015) com renda familiar entre 1 a 5 salários mínimos evidenciam que um colega da turma cuja mãe é psicóloga seria “privilegiado”, pois a mãe poderá ajuda-lo nas matérias, conseguir estágios e emprego depois que ele se formar. Por outro lado o aluno sem esse capital simbólico e cultural poderá não ter a mesma “facilidade”, apoio e auxílio após a faculdade.

Segundo Bourdieu, o sistema escolar ainda não está preparado para lidar com esses diferentes capitais culturais. A falsa ideia de democracia que tenta tratar diferentes como se fossem iguais dificulta e reforça as possibilidades de ascensão e sucesso. Indiretamente o sistema contribui e reforça algumas desigualdades ao conservar práticas devido a um suposto “dom natural”. A reconversão social se dá ao perceber os mecanismos simbólicos de construção social e da reificação.

No texto “A opinião pública não existe”, Bourdieu afirma que esses tipos de opiniões “são conflitos de força entre grupos”. Percebemos que as principais opiniões sobre os sistemas de ensino tendem a valorização da origem social do aluno. Esta opinião, repleta de significados etnocêntricos, é geralmente transportada da escola para o mercado de trabalho. Vide por exemplo o caso do estudante de psicologia citado acima. Para ele os estudantes, que tem acesso ao *métier* não são indivíduos comuns, mas atores “privilegiados” num mundo onde estão competindo em condições desiguais.

Se na opinião do novo estudante a escola serve para reforçar e reificar essas desigualdades, ele inicia a sua vida acadêmica supondo estar em posição de desvantagem. Como fazer uma reconversão nesta falsa interpretação da realidade? A desconstrução desse pensamento passa pela observação do processo de socialização. A socialização é o modo pelo qual recebemos nossa “bagagem social”. Certos componentes externos podem influenciar no fracasso ou no sucesso escolar.

O conceito de “capital social” criado por Bourdieu serve para designar essa bagagem. Este capital seria definido como conjunto de redes de relacionamento social.

Rede formada principalmente pelas principais instituições sociais. Dentre estas a família. Já a noção de “capital simbólico” surge com outras noções de capital cultural, além do social e do poder simbólico. São também importantes para entender a vida e o processo de socialização. Sua teoria incorpora o estudo das regras e estruturas sociais e conclui afirmando que a posição de classe tem seu lugar privilegiado na análise do sucesso ou do fracasso deste indivíduo.

Para o jovem estudante de psicologia, investir na carreira profissional e nos estudos seria uma forma mobilidade social ascendente, mas relacionada a entrada e permanência no mercado de trabalho estaria relacionada com sua rede de relacionamentos, pois esta, pode ser tão ou mais decisória que os seus diplomas. Investir muito dinheiro na formação superior pode fazer com que você tenha mais chances de sucesso do que uma pessoa da sua classe social, mas o retorno desses investimentos tem uma possibilidade objetiva de ser ampliado com a network que você plantou.

Conclusão

Falar das limitações de Bourdieu e ter em mente que suas análises são excelentes relações entre teoria e prática, algo ainda pouco compreendido, mas fazem da sua abordagem sobre a realidade social. Aos olhos do estudante neófito esta realidade pode parecer imutável tal o grau de reificação e naturalização das barreiras de classe. Cabe ao educador compreender os mecanismos e propor uma nova conversão, no sentido de transformação das suas expectativas e ideologias sobre o futuro. Quebrar barreiras, mitos e destinos falsamente predeterminados é um dos papéis da reconversão.

Parecem problemas estritamente individuais, mas a emergência deste debate sobre a produção de um novo “*habitus*” na lida com o processo de socialização discente. Dissimular a necessidade de reconversão e a de criação de novas oportunidades e habilidades facilitaria a inserção no mercado e a convivência na escola, na família, no trabalho e na vida através de um esforço individual e coletivo. Ensinar a esperança é um valor da reconversão. Segundo o próprio Bourdieu, “a esperança mágica é a mira do

futuro própria daqueles que não têm futuro”, pois são desclassificadas em tese, pela própria baixa estima.

Bourdieu nos ensina a observação da produção desse esforço na busca do capital social. A observação do sistema de ensino francês mostrou a necessidade de compreensão do poder simbólico. Se o autor mostrou que o sistema escolar pode garantir a manutenção do *status quo* e da ordem geral das coisas. Em conclusão, sem uma reconversão desse comportamento poderemos perpetuar a distribuição desigual dos capitais simbólicos na vida social.

Por fim concluímos que as práticas humanas podem ser conservadoras para o bom funcionamento do *status quo*, mas pertence também a humanidade a esperança de dias melhores. De reconversão da ordem social preestabelecida mais antiga ao mundo das possibilidades ilimitadas do pensamento e do desejo de mudar. Se a Sociologia é um “esporte de combate”, como diz o mestre homenageado neste artigo, lutar contra a corrente é desbravar espaços nunca antes caminhados. É desconfiar do óbvio e inventar novas formas de poder em velhos modos de dominação e novas formas de combate em novas arenas de luta.

Bibliografia

BOURDIEU, P. Espaço social e poder simbólico. In: _____. Coisas ditas. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990b. p. 149-168.

_____ (Coord.). A miséria do mundo. Tradução Mateus S. Soares Azevedo et al. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.).

Escritos de educação. Tradução Magali de Castro. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 71-80.

_____. Estruturas, habitus e práticas. In: _____. Esboço de uma teoria da prática. Tradução Miguel Serras Pereira. Oeiras: Celta, 2002b. p. 163-184.

_____; PASSERON, J.C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.